



**SUBALTERNIDADE E PRECARIIDADE EM A MENOR MULHER DO MUNDO, DE CLARICE LISPECTOR**

**SUBALTERNITY AND PRECARIOUSNESS IN A MENOR MULHER DO MUNDO, BY CLARICE LISPECTOR**

Nayana Moreira Moraes<sup>1</sup>

Recebido em: 11 jul. 2019.

Aceito em: 22 jan. 2020.

DOI 10.26512/aguaviva.v5i2.26106

**RESUMO:** Este artigo visa a analisar as representações femininas no conto clariceano *A menor mulher do mundo*, partindo de aspectos pós-feministas apresentados por Gayatri Spivak e Judith Butler. A memória social atribuída às mulheres e suas imbricações evidenciam o contexto patriarcal. Sob esse viés denota-se a discussão sobre mulheres excluídas de significação, como poderá ser examinado na figura da mulher pigmeia. No texto, o explorador Marcel Pretre observa a linguagem e os modos de comportamento daquela que nomeou de Pequena Flor. Trata-se de uma análise interpretativa que culmina em uma reflexão sobre essas mulheres e seus corpos.

**Palavras-chave:** Gênero. Memória feminina. Violência epistêmica. Pigmeia.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the female representations in the Claricean tale *A menor mulher do mundo*, starting from post-feminist aspects presented by Gayatri Spivak and Judith Butler. The social memory attributed to women and their overlapping evidences the patriarchal context. Under this bias one denotes the discussion about women excluded from signification, as it can be examined in the figure of the pygmy woman. In the text, the explorer Marcel Pretre observes the language and the modes of behavior of which he named as Little Flower. It is an interpretative analysis culminating in a reflection on these women and their bodies.

**Keywords:** Gender. Female memory. Epistemic violence. Pygmy.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Literários e bolsista Capes pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Especialização em Mídias na Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2018) e graduação em Letras- Português e Literatura pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé (2009). E-mail: [nnayana.moraes@gmail.com](mailto:nnayana.moraes@gmail.com)



## INTRODUÇÃO

O livro *Laços de Família*, de Clarice Lispector, foi publicado em 1960. O trabalho é constituído por treze contos cuja temática relaciona-se à condição da mulher envolvida nas relações familiares e os consequentes deslocamentos dos papéis de mãe, filha e esposa. Seis desses contos fizeram parte de um volume organizado periodicamente pela revista *Senhor*, em 1959. Destaca-se entre eles *A menor mulher do mundo*, publicado em março do mesmo ano.

O conto narra a história de uma tribo de pigmeus situada no Congo Central. Lá, o explorador francês, Marcel Pretre, se depara com uma jovem pigmeia que está grávida. Norteadado pelas peculiaridades da chamada “criatura”, o homem passa a observar a linguagem e as estratégias de sobrevivência da tribo e, principalmente, daquela que nomeou de Pequena Flor.

Uma fotografia de Pequena Flor foi publicada em tamanho natural - precisamente quarenta e cinco centímetros - na edição de um jornal de domingo. “Enrolada num pano, com a barriga em estado adiantado. O nariz chato, a cara preta, os olhos fundos, os pés espalmados. Parecia um cachorro” (LISPECTOR, 2016, p. 195). Deflagra-se, a partir da imagem, a manifestação do exotismo com que grupos hegemônicos caracterizam povos primitivos. Nesse sentido, a figura do homem francês personifica a dominação cultural e a consequente condição de subalternidade do outro.

Mais à frente, algumas mulheres reagem à notícia do jornal com estranhamento, pois são elas que engendram os preconceitos contra a menor mulher do mundo, como se esta estivesse em uma subcategoria de gênero, uma criatura não passível de representação. Gayatri Spivak em *Pode o subalterno falar?* (2010) argumenta que o sujeito subalterno feminino está duplamente na obscuridade. “Se no contexto de produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 67).

A percepção de algumas figuras femininas da narrativa, que enfatizam certo horror e piedade pela personagem, bem como a do próprio explorador, apresentam o caráter das postulações hegemônicas acerca do que é compreendido como representação natural ou não. É a presença do narrador intruso<sup>2</sup> no texto que sugere um silenciamento da pigmeia, sendo

---

<sup>2</sup> O narrador intruso, segundo Norman Friedman, se constitui pelo posicionamento de um determinado ponto de vista. Pode narrar diálogos ou ações que tragam possíveis significações ao leitor. (O ponto de vista na ficção. *Revista USP*, n. 53, p. 166-182, 30 maio 2002).



possível perceber que a personagem é sempre vista pelo olhar do outro. O mal-estar que o homem sente ao perceber que Pequena Flor sorri, denota que diante da precariedade da vida<sup>3</sup> a pigmeia é capaz de ser feliz ou sentir alguma efêmera alegria. Acrescenta-se ainda mais sua pequena estatura, a pele escura, a busca pela sobrevivência em uma natureza remota e sua gravidez; aspectos de identidades ignoradas na obscuridade pelo olhar hegemônico. Esses olhares construídos a partir dos posicionamentos e ironias do narrador, mostram as práticas discursivas de exclusão do outro.

Desta maneira, o presente trabalho tem como objetivo analisar os diferentes meandros de representação e memória atribuídas a essas mulheres e seus corpos. O método parte de uma análise interpretativa do texto, explorando as ressonâncias da narrativa e das personagens, passando desde as mulheres de classe média até a pigmeia. A primeira abordagem refere-se à contextualização da memória feminina sob o viés histórico como demonstração dessas demarcações hegemônicas frente ao oprimido. A seguir, analisa-se o conto a partir das perspectivas dessas mulheres ao observarem a personagem central, da mesma forma em que esses discursos femininos ratificam condições de subalternidade e precariedade. Por fim, chega-se à relação entre o explorador e a menor mulher do mundo como indício da dominação patriarcal e colonizadora.

### **Memória(s) Feminina(s)**

A narrativa histórica tradicional reserva à mulher um papel coadjuvante na estrutura social. Nos processos analíticos da história, o gênero foi enquadrado dentro das prerrogativas da diferenciação sexual. Desta forma, historiadoras femininas como a francesa Michelle Perrot (1989) e a americana Joan Scott (1995) demonstraram a necessidade de se reconfigurar o olhar de dominação masculina nas referências cotidianas associadas à memória das mulheres. Em um primeiro momento, entende-se que a caracterização do corpo feminino está atrelada às roupas, adornos e aos modos de comportamento. Perrot argumenta que o vestuário, durante o século XIX, era primordial na construção do sujeito feminino, principalmente no que se refere ao reconhecimento dessa mulher perante a sociedade. (1989, p. 14).

---

<sup>3</sup> Segundo Butler a precariedade consiste de uma condição produzida pelos discursos de poder; pelas organizações políticas e sociais. Trata-se, portanto, de enquadrar quais vidas são reconhecíveis dentro desse sistema e quais estão vulneráveis a uma articulação de violência estrutural (2011, p. 18).



Esses estereótipos, entretanto, são figurativos no contexto ocidental, uma vez que essa reminiscência relaciona-se à classe de mulheres burguesas. No contexto da Historiografia, segundo Perrot, cabia aos homens o testemunho que se tem dos processos relativos à esfera pública, como atividades da vida operária. Por outro lado, as mulheres eram testemunhas da chamada memória privada, cabendo a elas o papel de manutenção familiar e cuidado do lar. “Na rememoração, as mulheres são em suma os porta-vozes da vida privada” (PERROT, 1989, p. 17).

Nesse cenário de subserviência ao gênero dominante, o conceito de feminilidade passava pelo crivo de uma imposição coletiva, modulando essa categoria como ideal e representativa do corpo e das ações ditas naturais. Por conseguinte, começa a se materializar a exclusão de outras mulheres não enquadradas aparentemente nesses discursos. Os resquícios da memória - atualmente compreendida como gênero feminino - perpassam pela observação da existência a que estamos acostumados enquanto sociedade hegemônica.

Joan Scott (1995), ao analisar a categoria de gênero a partir da perspectiva histórica, apresenta as postulações dos discursos de poder sobre os corpos femininos. Essa sustentação das estruturas sociais reconhecidas na memória coletiva abarca a fundamentação da diferenciação sexual atribuída ao masculino e feminino, dentro da lógica cultural dominante. Desta forma, as mulheres identificaram-se pelo seu caráter reprodutivo e doméstico. Enquanto que a memória dos homens está relacionada à virilidade e à potencialidade com atividades políticas-econômicas. Por sua vez, como afirma Scott, a perpetuação dessas ideias é mantida dentro da própria escrita do círculo histórico ocidental.

A teorização do gênero, entretanto, é desenvolvida em minha segunda proposição: o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. O gênero não é o único campo, mas ele parece ter sido uma forma persistente e recorrente de possibilitar a significação do poder no ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas. (SCOTT, 1995, p. 88)

Na contramão da memória feminina a que se pretende discutir, ambas as historiadoras fomentam a discussão acerca dos paradigmas de um modelo analítico único de mulher. Sendo assim, determinados grupos de mulheres parecem ser vazias de memória, excluídas pela própria corrente histórica. Essa espécie de silenciamento dado a elas mostra as divisões do mundo hierarquizado, bem como o aparecimento dos preconceitos sobre os corpos e identidades



culturais. Da mesma forma, parâmetros reconhecidamente relativos à mulher figuram como representação do homem branco colonizador. Para as outras mulheres; pobres, negras e de povos colonizados, sugere-se um apagamento da história a partir do cerceamento de modos de comportamento a que a visão hegemônica relativiza como exótica, primitiva e não natural.

Em suma, a observação das mulheres em outros tempos obedece a critérios de ordem e de papel. Ela diz respeito mais aos discursos que às práticas. Ela se detém pouco às mulheres singulares, desprovidas de existência, e mais sobre “a mulher”, entidade coletiva à qual se atribuem as características habituais. Sobre elas não há uma verdadeira pesquisa, apenas a constatação de seu eventual deslocamento para fora dos territórios que lhes foram reservados (PERROT, 1989, p. 10).

Esses aspectos constituídos de dominação patriarcal valem-se da incapacidade de se refletir sobre a diferença, fomentando discursos excludentes dos quais a sociedade ainda se estabelece. Como exemplo, a condição de subalternidade que Gayatri Spivak (2010) aborda no contexto das mulheres indianas ao se posicionar sobre a crítica feminista nos estudos contemporâneos.

### **Figuras femininas**

No conto, as reações das personagens refletem as dificuldades com que pessoas lidam com o estranho, alguém não reconhecível socialmente. Essas imbricações trazem à tona o discurso etnocentrista da civilização, haja vista que vidas não relatadas no círculo normativo hegemônico estão fadadas à opressão. Gayatri Spivak (2010) argumenta acerca da violência epistêmica, que culmina na negação e consequente rejeição do outro. Além disso, critica Deleuze e Foucault<sup>4</sup> ao não considerar essas questões na dominação cultural dos povos colonizadores.

Os teóricos ou profissionais da lei não tinham certeza, em nenhum caso, se essa estrutura descrevia o corpo da lei ou as quatro maneiras de se resolver uma disputa. A legitimação da estrutura poliforma do funcionamento legal, “internamente” incoerente e aberta nos dois extremos, por meio de uma visão

---

<sup>4</sup> Spivak argumenta que tanto Deleuze quanto Foucault têm posição privilegiada na discussão pós-colonial. A autora refuta a ideia do intelectual ocidental poder falar pelo outro, o sujeito subalterno, não construindo de fato um espaço em que este possa falar (2010, p. 30).



binária, é a narrativa da codificação que ofereço como um exemplo de violência epistêmica (SPIVAK, 2010, p. 60).

A primeira mulher apresentada na narrativa não quis olhar a fotografia uma segunda vez, expressando rejeição diante do que julga exótico, não natural. A segunda, uma senhora, parece fixar-se por um controle e possessão disfarçados de bondade. “Aliás, era primavera, uma bondade perigosa estava no ar” (LISPECTOR, 2016, p. 195). Nota-se a subjetividade do narrador ao empregar o adjetivo “perigosa”, indicando uma característica maliciosa da personagem. Enquanto isso, em uma outra casa, uma menina de cinco anos de idade observa - a partir do que ouve da conversa de adultos - que a menor mulher do mundo é menor até do que ela mesma. Relata-se, nesse sentido, a contraposição de reconhecimento dada a existência de ambas, cada qual em seu cenário afetivo e precário. É relevante que essas mulheres, em diferentes faixas etárias, na construção do seio familiar tradicional a que pertencem, possuam uma relação de proximidade no que se refere à classe social e pelo fato de não serem nomeadas individualmente, mas assumindo papéis coletivos de representação.

Identificada como uma jovem noiva, a terceira mulher conversa com a mãe sobre o retrato de Pequena Flor. Nesse diálogo duas sensações parecem ecoar em ambas as personagens: aparente piedade e discriminação, respectivamente. “[...] mas é tristeza de bicho, não é tristeza humana” (LISPECTOR, 2016, p. 196). Em outra casa, também de uma classe social burguesa, a mãe mirando-se ao espelho, relembra em pensamento a história contada por sua antiga cozinheira, de quem nos tempos de orfanato, não tendo qualquer brinquedo, as meninas faziam de um pequeno cadáver sua pulsão pela maternidade. Tomada por essa inquietação, a mulher passa a olhar o próprio filho e a vesti-lo como estereótipo da lógica patriarcal<sup>5</sup>; um menino que será reconhecido pela sociedade. Além do mais, observa a importância dada à superficialidade das coisas, do corpo construído como representação de uma vida social planejada. “Obstinadamente enfeitava o filho desdentado com roupas finas, obstinadamente queria-o bem limpo, como se limpeza dessa ênfase a uma superficialidade tranquilizadora” (LISPECTOR, 2016, p. 197). Segundo Spivak, todo discurso marcado pela lógica patriarcal está fadado à opressão (2010, p. 40).

A autora indiana trata também da posição secundária da mulher subalterna no âmbito do feminismo. Cita como tal, o contexto cultural da mulher negra e indiana nas questões

---

<sup>5</sup> Segundo Spivak trata-se da posição monolítica das relações políticas e sociais, empregando à mulher sempre o papel de subordinada. Refere-se também ao poderio masculino na produção colonial (2010, p. 40).



pertinentes aos estudos de gênero, bem como o não reconhecimento de um feminismo heterogêneo, não ocidentalizado. No conto estão presentes as dicotomias entre mulheres no contexto de uma classe social predominante - com demarcações da maternidade - bem como valores patriarcais. Do outro lado, apresenta-se a pigmeia; alguém que parece não representar para elas o gênero e as proposições do seio materno. A pesquisadora Yudith Rosenbaum (2015) analisa em *A menor mulher do mundo* as ressonâncias dessas mulheres e suas relações maternais.

Se olharmos de perto esse longo trecho, veremos a sobreposição de maternidades, mais uma vez a imagem de uma caixa dentro de uma caixa: a mãe pigmeia, as meninas mães do orfanato, a mãe que se olha no espelho. Tantos jeitos de viver a mesma função biológica – desde aquela que está mais aderida à natureza, a mulher africana, até a carência perversa das órfãs, passando pela perplexidade com a própria cria da mãe ao espelho (ROSENBAUM, 2015, p. 152).

A seguinte personagem, conversando com o filho e o marido, idealiza que Pequena Flor, dotada de tamanha raridade, poderia trabalhar na casa e atender às necessidades da família. Configura-se a identificação da mulher com os discursos de poder e dominação diante da subalternidade. Desta forma, a violência epistêmica produzida a esses povos mantém hierarquias culturais e de sobreposição de identidades excluídas de representação. Ao perceber o exotismo exposto na fotografia e ao lançar a ideia de tê-la como empregada, a mãe e também esposa, adota a exploração e o preconceito demarcados pela sociedade. Poderia se imaginar que se fosse um pigmeu essa prerrogativa de “servir a mesa” seria realocada a um outro contexto que não os relacionados a afazeres domésticos, evidenciando mais uma vez o caráter subalterno da pigmeia. “Deve ser o bebê preto menor do mundo – respondeu a mãe, derretendo-se de gosto. – Imagine só ela servindo a mesa aqui de casa! E de barriguinha grande!” (LISPECTOR, 2016, p. 196). Mais uma vez o narrador transfigura o contentamento da personagem a partir da utilização dos verbos, levando o leitor a compreender o caráter discriminatório da ação.

A última senhora é responsável pela frase que encerra o conto. Ao dizer que “Deus sabe o que faz” fica aparente a ironia narrativa com que o discurso religioso se apropria para distinguir outras vidas não predominadas pela lógica ocidental cristã. A senhora parece transmitir um estado de acomodação diante da figura exposta no jornal, ou mais precisamente, um desconhecimento de que há diversas existências. Dessa maneira, a fala pode transmitir uma ausência de respostas concretas acerca do que vê fora de seus preceitos normativos.





Judith Butler, por sua vez, afirma que a materialidade dos corpos produz um efeito de poder e regulação binária (2000, p. 152). As mulheres ao não considerarem a jovem pigmeia um gênero semelhante ao delas e passível de representação, configuram o discurso hegemônico dos corpos e conseqüentemente da chamada vida inteligível<sup>6</sup>. Nota-se que ao não reconhecer o outro como sujeito, o próprio viés da estrutura patriarcal aparece naquelas figuras femininas que se caracterizam pela submissão do sexo e pela organização familiar imposta socialmente. Essas questões identificam-se pela forma com que elas lidam com a maternidade, com as relações afetivas em seus distintos papéis. Desse modo, compreende-se as semelhanças entre elas no que se refere ao fortalecimento desses discursos de sublimação do gênero.

### **Pequena coisa rara**

Os pensamentos e ações demarcados tanto pelas personagens quanto pelo explorador parecem dissolver a singularidade da protagonista do ponto de vista cultural. Marcel Pretre se manifesta como a figura patriarcal do colonizador, entende que está diante de uma criatura não reconhecível. Apresenta-se a forma com que a precariedade está iminente à sujeição dos corpos e às imposições de normatização do que se compreende como vida (BUTLER, 2011, p. 15). O homem ao observar as estratégias de sobrevivência daquela tribo e ao aproximar-se de Pequena Flor deflagra o papel de dominador ao identificar que o outro lado está exposto ao papel de submissão. “Metodicamente o explorador examinou com o olhar a barriguinha do menor ser humano maduro” (LISPECTOR, 2016, p. 197). Entretanto, percebendo que a jovem pigmeia sorria para ele, foi tomado por um mal-estar.

A partir daquele sorriso manifesta-se a não sujeição da personagem ao homem, uma vez que o incômodo perpassa pela necessidade do controle da situação. Ao não compreender o papel de dominador do francês e ao tratá-lo com afeto, a relação de hierarquia se fragiliza tendo em vista que Pequena Flor o trata cordialmente. Porém, a partir de sua perspectiva eurocentrista, o homem volta-se ao estudo metódico das expressões dela. “É pela ironia sutil da narração que testemunhamos o apequenamento desse representante da cultura europeia frente ao aborígene “atrasado”. Ou ainda o confronto bizarro e desigual entre o masculino e o feminino” (ROSENBAUM, 2015, p. 154). Analisando os pressupostos com que homem e mulher subalterna se posicionam entre si, notam-se as dicotomias da representação de gênero. Nesse

---

<sup>6</sup> De acordo com Butler, configura-se como vida inteligível o gênero que está em conformidade com as normas regulatórias de produção discursiva (2000, p. 153).





sentido, a sensação de mal-estar do explorador é causada pelo conhecimento de que pigmeia, estando na obscuridade, reage com alegria a ele.

A narrativa ecoa as distinções acerca do que se compreende como amor em ambas as condições dos personagens, em seus papéis de masculino e feminino. Demonstra também que a pigmeia não possui voz diante dos outros, sendo o narrador a figura que fala por ela a partir do seu ponto de vista. “Pois – e isso ela não disse, mas seus olhos se tornaram tão escuros que o disseram – pois é bom possuir, é bom possuir, é bom possuir” (LISPECTOR, 2016, p. 200). Gerard Genette em *O discurso da narrativa* (1995) disserta sobre os modos de condução da narrativa, uma vez que a história contada poderá ter uma relativa distância ou proximidade do narrador, adotando, portanto, um determinado posicionamento narrativo. O conto *A menor mulher do mundo* se divide em três momentos narrativos: a introdução sobre a tribo de pigmeus e o encontro de Marcel Pretre com Pequena Flor, os olhares das mulheres de classe média diante da fotografia exposta em jornal, e por fim, a relação mais específica entre pesquisador e pigmeia. Por conseguinte, denota-se que a protagonista está sempre na condição de subalterna e silenciada pelas outras vozes que ecoam no texto, sendo o narrador o responsável por desvendá-la ao leitor.

Se por um lado Pequena Flor, grávida, possui uma delicadeza no olhar e demonstra sentimentos afetivos, por outro lado, o homem fica atrapalhado por essas expressões. A partir da identificação de que pigmeia está inserida em uma floresta africana, Marcel Pretre sente-se impelido a descobrir como ela pode possuir amor dentro de si, um sujeito julgado como não civilizatório. “(...) e então perturbou-se como só homem de tamanho grande se perturba” (LISPECTOR, 2016, p. 197). Acrescenta-se a ideia de que somente culturas hegemônicas poderiam expandir a capacidade de raciocínio e emoções. Gayatri Spivak (2010) aborda sobre a representação dada à figura do subalterno no contexto imperialista, não permitindo que esse fale por si mesmo. Menciona o rito da viúva na cultura hindu<sup>7</sup> como exemplo de silenciamento dado à mulher dentro de sua própria cultura e excluída pelos discursos de poder.

O pesquisador ao estudar os modos de comportamento de Pequena Flor parece encarar a si próprio, bem como seu posicionamento diante da figura feminina. A narrativa denota algumas características desse homem, como a observação exposta pelo narrador de que ele “devia ser azedo”. Pode-se entender como um sujeito metódico, rigoroso e frio nas

---

<sup>7</sup> Conforme Spivak, o rito da viúva (mais conhecido como *Sati*) consistia de uma prática que fazia com que a viúva se sacrificasse em devoção ao cadáver do marido. Desta forma, tratava-se de um rito de autoimolação (2010, p. 101).



demonstrações sentimentais. Apelidando-a de Pequena Flor o francês mostra a necessidade de dar nome às coisas ainda não discerníveis pelo etnocentrismo vigente, haja vista o desconhecimento do corpo que estava na direção de seus olhos. Corpo feminino não representado pela lógica dos discursos de poder. Demonstra também o caráter exploratório da civilização hegemônica que precisa relatar métodos de observação científica para enfim, compreender os sujeitos viventes na obscuridade. “E, para conseguir classificá-la entre as realidades reconhecíveis, logo passou a colher dados a seu respeito” (LISPECTOR, 2016, p. 196).

Como afirma Gayatri Spivak (2010), trata-se de uma violência epistêmica produzida a esses povos. Por conseguinte, reverbera a precariedade discutida por Butler (2011) acerca dos sujeitos não enquadrados pelos preceitos normativos de dominação. Esses aspectos culminam no panorama dado ao que não é reconhecido como identidade, tornando esses corpos estereótipos de exotismo e objetos de estranhamento. As mulheres narradas no conto reagem com a impressão de que pigmeia é uma criatura diferente, peculiar. Já o pesquisador tenta manter o rigor da observação, embora seja tomado por uma sensação que o deixa atrapalhado.

É simbólico que pigmeia seja de fato a única personagem feminina identificada por um nome, ainda que pela figura masculina. Enquanto que as demais se caracterizam como nomeações coletivas, semelhante a mulheres de classe média e seus papéis familiares. “A mínima vida da diminuta pigmeia, na qual lateja um proto sujeito elementar e primário, se agiganta pela minúcia descritiva do narrador” (ROSENBAUM, 2015, p. 151).

É por meio da narração que Clarice Lispector apresenta as nuances de Pequena Flor e sua convergência com outros grupos de mulheres. Sua obra costuma carregar o conflito das mulheres de classe média frente a sujeitos marginalizados pelo contexto social. Em um outro conto, intitulado *A bela e a fera ou a ferida grande demais*, Carla é uma mulher rica e bem posicionada na sociedade do Rio de Janeiro. Mas é um encontro com um mendigo na calçada de um hotel em Copacabana que a deixa perplexa. É a ferida na perna do homem que movimenta o mal-estar da personagem, sensação semelhante à de Marcel Pretre ao deparar-se com pigmeia. A relação de desigualdade iminente é a enunciação do conflito que causa incômodo nas personagens, é um retrato dos vários corpos que se olham por meio da diferenciação. No romance *A Hora da estrela* (1977) também é possível perceber a protagonista Macabéa, pobre e nordestina, sendo caracterizada como uma manifestação corporal reprimida e emudecida, algo que a metrópole carioca não reconhece como uma vida passível de significação.



Esses sujeitos silenciados exprimem uma problematização nas obras de Clarice: o efeito do estranhamento - a noção daquilo que não é familiar aos olhos - é o choque da experiência. A ideia de parecer estranho faz com que o personagem seja considerado pelos outros incapaz de afeto e de reflexão, algo evidenciado a partir da relação com a diferença. Sobre o conto *A menor mulher do mundo* a autora não deixa claro o processo de criação, mas indica a referência de uma notícia lida no jornal e também um certo deslumbramento com o continente africano.

“A menor mulher do mundo” me lembra domingo, primavera em Washington, criança adormecendo no colo no meio de um passeio, primeiros calores de maio – enquanto a menor mulher do mundo (uma notícia lida no jornal) intensificava tudo isso num lugar que me parece o nascedouro do mundo: África. Creio que também este conto vem de meu amor pelos bichos; parece-me que sinto os bichos como uma das coisas ainda muito próximas de Deus, material que não inventou a si mesmo, coisa ainda quente do próprio nascimento; e, no entanto, coisa já se pondo imediatamente de pé, e já vivendo toda, e em cada minuto vivendo de uma vez, nunca aos poucos apenas, nunca se poupando, nunca se gastando. (LISPECTOR, 1999, p. 158)

O trecho acima pode remeter à associação da escritora ao clima ensolarado da África, ao mesmo tempo em que supostamente lê a notícia de um jornal em Washington. Outro aspecto também mencionado está na referência à maternidade, quando cita uma criança dormindo no colo; algo que curiosamente aparece no conto ao narrar essas mulheres, como a personagem ao observar o filho ou até mesmo a própria Pequena Flor, grávida. Apresenta-se também a associação animalesca que tanto o narrador quanto as figuras femininas fazem da pigmeia, denominando-a como cachorro, possuidora de uma tristeza de bicho ou escura como um macaco. Clarice parece contrastar o que chama de amor pelos bichos com a natureza humana que não se dobrou às imposições sociais. É a própria matéria corpórea que transgredir o entendimento humano.

Há, contudo, anotações<sup>8</sup> da escritora acerca de uma viagem feita à Libéria, África, datadas de 1944. Nesses escritos, Clarice disserta sobre as experiências vividas no continente, narrando um encontro com mulheres africanas<sup>9</sup>, chamadas por ela de “corças negras”. Ao vivenciar esse momento, a escritora descreve o olhar e as reações curiosas que ela provoca nessas mulheres. “Uma delas então se adianta no seu pé leve, e como se cumprisse um ritual –

---

<sup>8</sup> Instituto Moreira Salles. Disponível em: <<https://claricelispectorims.com.br/caderno-de-bordo/>>. Acesso em 09 jul. 2019.

<sup>9</sup> Há um texto de Clarice intitulado “Corças negras”, publicado em 1969, que relata essa experiência (*A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999).



eles se dão inteiramente à forma – pega nos meus cabelos, alisa-os, experimenta-os, concentrada. Todas assistem” (LISPECTOR, 1999, p. 115). É relatada, ainda, a inquietação da autora sobre o riso espontâneo dos negros da Libéria, sendo este de uma beleza pura e contagiante; precedido de uma humildade. Clarice faz menção a vontade de ser mãe, advinda ao mesmo tempo pelo medo natural de perder certa liberdade. Na época, ela ainda não tinha os dois filhos que viria a ter poucos anos depois. Nesse sentido, é notória a presença de vestígios da maternidade no conto, principalmente pelas dicotomias das personagens ditas “civilizadas” frente a pigmeia, grávida. O sorriso de Pequena Flor provoca incômodo, algo que poderia ser uma expressão natural da personagem, muito semelhante à experiência de Clarice com o povo da Libéria.

Tratando-se de Clarice não é possível especificar quais sensações foram pertinentes para sua escrita literária, mas demonstra que *A menor mulher do mundo* é fruto de uma inquietação criativa ao mesmo tempo em que explora as diferentes formas de existência. O texto narra sobre a condição de subalternidade e discriminação presentes na sociedade, da mesma forma em que rediscute o papel dessas mulheres oprimidas pelo discurso patriarcal.

### **Considerações finais**

O trabalho pretendeu discutir sobre como os aspectos relacionados à memória feminina estão sujeitos à exclusão de outros grupos de mulheres; como observado a partir da figura da pigmeia. Além do mais, o conto apresenta mulheres de classe média sustentando discursos de sublimação do gênero ao que para análise foram utilizadas as teorias pós-feministas de Judith Butler e Gayatri Spivak.

O conto mostra as dissonantes percepções dessas personagens a partir de uma fotografia exposta em tamanho natural em um jornal de domingo. Trata-se da observação discriminatória acerca do outro ou mais precisamente à figura de Pequena Flor, com quarenta e cinco centímetros, grávida e sobrevivendo em uma selva africana. Essas mulheres no aparente conforto de seus lares aderem a discursos excludentes, utilizando-se de valores patriarcais presentes na memória da sociedade. Sobre a memória feminina, historiadoras como Jean Scott e Michelle Perrot atentaram-se por mostrar como a ideia atrelada ao gênero está em consonância com a dominação masculina nas distintas camadas da vida cotidiana.



Aparecendo exatamente como a personificação do colonizador, Marcel Pretre se depara com uma vida desconhecida até então. É esse pequeno corpo que causa nele o incômodo, bem como a necessidade de analisar os comportamentos da tribo e principalmente da pigmeia. Nota-se a violência epistêmica produzida pelos discursos hegemônicos que refletem na condição de subalternidade e precariedade desses grupos excluídos de representação. Por meio de uma análise interpretativa percebemos que tanto o pesquisador francês quanto as mulheres fortificam a ideia de um parâmetro corporal e comportamental, julgando a pigmeia como uma criatura exótica e não natural. Desta forma, deflagra-se o silenciamento produzido por esses corpos, algo que culmina na negação e conseqüente rejeição do outro.

## REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. In: LOURO, Guacira L. (org.), *O Corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. **Vida Precária**. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n.1, p. 13-33.
- GENETTE, Gérard. **Discurso da Narrativa**. 3ª ed. Lisboa: Veja, 1995
- LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. A menor mulher do mundo. In: MOSER, Benjamin (Org.) **Todos os contos/Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. p. 193-200.
- LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- PERROT, Michelle. **Práticas da memória feminina**. In: BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Revista brasileira de História. Órgão da associação Nacional dos professores Universitários de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 9, n.18, agosto de 1989/setembro de 1989.
- ROSENBAUM, Yudith. Uma estranha descoberta: leitura do conto “A menor mulher do mundo”, de Clarice Lispector. **Literatura e Sociedade**, v. 20, n. 20, p. 148-156, 18 jun. 2015.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Revista Educação & Realidade*. Porto Alegre: v. 2, n. 20, p.71-99, Jul/Dez, 1995.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução Sandra Regina Goulart de Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.